



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE- UERN

FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL- FASSO

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL- DESSO

ANA HELOÍSA BEZERRA RODRIGUES

**MULHERES E FUNK: UMA ANÁLISE SOBRE O MACHISMO NAS MÚSICAS
DE MR. CATRA**

MOSSORÓ- RN

2022

ANA HELOÍSA BEZERRA RODRIGUES

MULHERES E FUNK: UMA ANÁLISE SOBRE O MACHISMO NAS MÚSICAS DE
MR. CATRA

Artigo científico apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientado por: Prof.^a Dra. Suamy Rafaely Soares

Mossoró- RN

2022

**MULHERES E FUNK: UMA ANÁLISE SOBRE O MACHISMO
NAS MÚSICAS DE MR. CATRA**

Ana Heloísa Bezerra Rodrigues¹

Suamy Rafaely Soares²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir acerca da ideologia patriarcal que se expressa em demonstrações de vários tipos de violência contra a mulher nas letras de músicas dos Funk's Proibidões. O método utilizado foi o materialismo histórico-dialético, por ser uma perspectiva que melhor apreende o real. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em autoras/es que forneceram elementos teóricos fundamentais para a construção do trabalho na análise do patriarcado, gênero, machismo, violência contra a mulher. Além disso, foi realizada uma pesquisa documental a partir do material fonográfico do cantor e compositor Mr. Catra, um importante expoente do estilo funk proibidão. Nas análises foi possível perceber o quanto o corpo da mulher é inferiorizado, banalizado, sexualizado e, tido na sua maior parte como propriedade de satisfação sexual dos homens, e utilizado também para a comercialização da indústria musical, favorecendo aos mais diversos tipos de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Funk proibidão. Gênero. Patriarcado. Objetificação.

1. INTRODUÇÃO

Fazemos parte de uma sociedade predominantemente patriarcal, que carrega uma cultura de hierarquização entre homens e mulheres, influenciando nas relações sociais, assim como a organização social. Ademais, designa papéis sociais a serem desenvolvidos por cada um e que são determinados antes mesmo dos indivíduos nascerem. Como bem coloca Saffioti (1987, p. 08) o masculino e o feminino são construções sociais já que “rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade é, portanto, socialmente construída”. E por isso a sociedade vai delimitar a partir dos papéis sociais os lugares que homens e mulheres vão ocupar, as vestimentas, formas de ser e seus comportamentos,

¹ Discente da Faculdade de Serviço Social (FASSO) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: anaheloisa@alu.uern.br

² Professora Orientadora, docente do Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), militante feminista e Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre a Mulher – Simone de Beauvoir.

Podemos nomear a desigualdade entre homens e mulheres de patriarcado, entendido aqui como um sistema de opressão do sexo masculino sobre o sexo feminino nas relações. A desvalorização e as diversas formas de opressão e violência sofridas pelas mulheres é devido ao sistema patriarcal ao qual estamos inseridos, que sempre esteve ligado às formas de controle da vida e do corpo das mulheres.

Na presente pesquisa partimos da relação de violência expressa nas músicas de funk proibidão, com intenção de nos fazer uma reflexão acerca do que esses tipos de músicas acabam propagando na sociedade e conseqüentemente na vidas das mulheres..

Nosso interesse não é criminalizar o funk e quem canta esse estilo musical, mas sim, despertar o interesse em ouvir e saber o que estamos ouvindo, para assim, visar um melhor entendimento que essas letras carregam.

A pesquisa utilizada foi a qualitativa, pois segundo Minayo (2001) “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.”

Utilizamos como técnica de coleta de dados a pesquisa documental a partir das músicas de Mr. Catra. Escolhemos esse cantor por considerarmos um grande e importante nome nesse estilo de funk proibidão. Elegemos o cantor e analisamos um total de cinco músicas para uma melhor compreensão do tema abordado.

A prática da incitação dos diferentes tipos de assédios presente em algumas músicas de funk, está ligada ao sistema patriarcal, que perdura por longos anos e ainda se encontra presente na contemporaneidade, onde o que vai prevalecer são os valores do sexo masculino que estão diretamente relacionados por exemplo, através da força física; do individualismo; à pressões psicológicas etc. e o que prevalece é a sensação de poder, de dominação do homem em relação à mulher. O machismo ainda se faz presente nos dias atuais e algumas músicas contribuem para o fortalecimento dessa prática e esses tipos de músicas trazem em suas letras o sentimento de posse do homem em relação à mulher e, conseqüentemente, a incitação da prática dos diferentes tipos de violência.

O trabalho tem como relevância acadêmica, evidenciar e mapear músicas que nos faça compreender a subjunção que os homens tentam impor às mulheres em algumas letras de funk que existem na contemporaneidade.

O Funk é um estilo musical cultural e muito forte no Brasil, mas muitas letras de músicas do funk proibidão desrespeitam, vulgarizam e para sustentar a indústria fonográfica, mercantilizam o corpo da mulher, então, como principal cantor e compositor desse estilo de músicas, citamos aqui o Mr. Catra.

2. RELAÇÕES DE GÊNERO E PATRIARCADO

Para uma melhor compreensão da relação entre funk proibidão e violência contra as mulheres, utilizamos as categorias relações patriarcais de gênero, entendendo que é necessário partir de uma perspectiva histórica para que assim, consigamos analisar o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade de classes.

Aqui, nos baseamos na perspectiva que as relações de gênero, classe e raça/etnia são coextensivas e imbricadas. Para Saffioti (2004) o sistema patriarcal é uma forma de supremacia dos homens sobre as mulheres e que se estende nas mais diversas relações sociais e na sociedade como um todo, como por exemplo, na política, religião, economia, cultura, etc. Trata-se de uma construção sócio-histórica e econômica das desigualdades entre os sexos, ressaltando que os homens possuem privilégios e imprimem relações de dominação sobre as mulheres (cis ou transexuais) e também sobre indivíduos que performam uma feminilidade, como por exemplo as travestis. Sendo assim, com relação ao patriarcado percebemos que suas bases se dão principalmente, por meio da violência e do medo (SAFFIOTI, 2004).

Para Saffioti (2004, p. 57) o patriarcado:

1. não se trata de uma relação privada, mas civil;
2. dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres praticamente sem restrição;
3. configura um tipo hierárquicos de relação, que invade todos os espaços da sociedade;
4. tem uma base material;
5. corporifica-se;
6. representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência.

Sustentado por uma forte base ideológica em diferentes âmbitos, como por exemplo a igreja, o Estado, as escolas, os partidos políticos etc., e na sua forma de dominação, o sistema patriarcal irá atuar junto com o capitalismo e ao racismo visando assim, a exploração nas suas mais diversas formas de se obter lucros. conformando o tripé de dominação-exploração das mulheres, chamado por Saffioti (2004) de nó, esse sistema interdita às mulheres a participação política, científica e econômica, produz uma mercantilização do corpo e dos produtos do corpo das mulheres, é responsável pela

pauperização feminina e do uso da violência contra as mulheres, seja em sua forma física ou ideológica.

Há também uma desvalorização do trabalho das mulheres, pois, os homens são quem executam funções de maior valor, enquanto que as mulheres desempenham trabalhos domésticos sem remuneração ou mal remunerados, havendo uma forte exploração pela extensa jornada de trabalho. As mulheres dedicam mais tempo ao trabalho pois agregam o trabalho produtivo e o doméstico, sendo as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos(as), idosos e doentes.

Sempre e em toda parte, tanto nas circunstâncias mais “familiares” como nas mais “públicas”, espera-se que as mulheres (a mulher, as mulheres) façam a limpeza e a arrumação, vigiem e alimentem as crianças, varram ou façam o chá, lavem a louça ou atendam o telefone, costurem o botão ou escutem as vertigens metafísicas e profissionais dos homens etc (GUILLAUMIN, 2005, p. 35).

Os papéis sociais que são designados aos homens e às mulheres tem início muito cedo, e podemos citar inclusive, que se dá a partir da gestação. Ao descobrir o sexo da criança que está sendo gerada, algumas posturas já são socialmente impostas.

Ao nascerem, as meninas são induzidas a serem mais dependentes, frágeis, e crescem entendendo que sua função é única e exclusivamente ligada à maternidade, a servir suas famílias no ambiente doméstico. Enquanto que aos meninos, os ensinamentos são baseados a não demonstrar fragilidade, serem sempre os mais fortes, chefiar as famílias, são os superiores em todos os ambientes, principalmente o familiar.

As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem (SAFFIOTI, 2004, p. 35).

Tudo isso operacionaliza uma naturalização de fenômenos que são estritamente sociais. De acordo com Saffioti (1983, p. 11) “Quando se afirma que é natural que a mulher se ocupa do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se, rigorosamente, naturalizando um resultado da história”. A autora ainda alude: “Ao se afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocupavam do espaço

doméstico, eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam-se as características naturais destas funções”

A divisão sexual do trabalho é um instrumento de construção histórica e econômica do patriarcado que fortalece e evidencia as desigualdades existentes entre homens e mulheres, distribuindo e hierarquizando as atividades entre eles, contribuindo assim para um sistema que classifica os gêneros.

Ao homem é dado o direito de manter o controle nos mais diversos setores no ambiente de trabalho, enquanto que as mulheres são destinadas apenas alguns tipos de funções, excluindo-as de várias outras funções no trabalho.

A “qualidades” tidas como femininas, ao serem consideradas naturais ou próprias de uma suposta essência feminina, desconsideram o treinamento informal das mulheres. Isso implica não valorizar as atividades realizadas pelas mulheres como trabalho especializado. Essas atividades, ao serem muito mais consideradas uma obrigação ou um papel feminino, servem de justificativa para os baixos salários recebidos pelas mulheres (CISNE, 2018, p. 65).

Para Scott (1996), as relações entre os sexos são construídas socialmente de formas desiguais, privilegia o sexo masculino e acaba oprimindo o sexo feminino. Dessa forma, Scott (1996) relaciona a noção de construção social com a noção de poder, Sendo assim, entende-se que para ela, gênero é constituído através de relações sociais que se baseiam nas diferenças entre os sexos que vão se constituírem no interior das relações de poder.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1996, p. 7).

Fica evidente que as mulheres foram ensinadas desde muito cedo a serem subordinadas aos homens, subordinadas a eles, por causa das relações sociais que são construídas ao longo do tempo e que ainda se fazem presentes na contemporaneidade. Pode-se dizer que “concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na ‘necessidade’ do macho de dominar as mulheres” (SCOTT, 1989, p. 9)

Podemos compreender **gênero** como categoria social e histórica, expressando-se nas relações sociais, como afirma Saffioti:

O gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. Nesta linha

de raciocínio, o corpo da mulher, por exemplo, é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como uma mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale a dizer, para enfatizar, que o gênero se constrói-expressa através das relações sociais (SAFFIOTI, 1992, p. 191).

Importante entender então que se gênero é uma construção social, ele se manifestará de diversas formas, de acordo costumes e vivências dos lugares, de acordo com leis desses lugares, a maneira com que a vida familiar dessas pessoas se organizam e a vida política de cada povo, por serem relações criadas pelos seres humanos.

Quanto mais desiguais forem as relações de gênero, mais propício a desencadear desigualdade em todos os âmbitos da sociedade, como por exemplo, na divisão social do trabalho, na participação política e pauperização das mulheres, na apropriação do corpo e da sexualidade e no uso da violência.

“Tratar esta realidade exclusivamente em termos de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, ‘neutralizando’ a exploração-dominação masculina” (SAFFIOTI, 2015, p. 136).

Para Saffioti (2015), o gênero está longe de ser um conceito neutro, pelo contrário, ele “carrega uma dose apreciável de ideologia” (p. 136), como a ideologia patriarcal em que é muito presente as diferenças de poder, assim como a exploração/dominação dos homens em relação às mulheres.

Para o entendimento do presente trabalho, patriarcado se constitui enquanto um sistema de dominação/exploração articulado ao capitalismo e ao racismo. Este sistema sócio-político é uma forma dos homens garantirem os meios necessários à produção e à reprodução da vida. Convém ressaltar que este regime se sustenta por meio de uma economia domesticamente organizada.

Neste regime, as mulheres são objetos da satisfação dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores (SAFFIOTI, 2008, p. 12).

Na particularidade brasileira o patriarcado é estruturado a partir do período colonial, em que havia uma forte exploração da mão de obra escravizada. “A divisão sexual do trabalho no patriarcado capitalista e racista beneficia aos homens, brancos e proprietários” (CISNE, 2008, p. 10).

Sabemos bem que a colonização brasileira foi fundamentada na escravidão dos

povos africanos, no aldeamento e genocídio dos povos indígenas e na subordinação das mulheres, combinado ao latifúndio.

Na formação dessa sociedade escravocrata colonial que existiu no Brasil as mulheres brancas cuidavam de suas casas, se dedicavam ao marido e filhos, davam ordens às mulheres negras que eram escravizadas. As mulheres não podiam participar da vida política ou se dedicar ao trabalho e ao estudo. Nesse cenário é importante ressaltar que as mulheres negras sofriam uma exploração ainda maior, reprodutoras e responsáveis pelo cuidado doméstico, com os filhos e as casas dessas mulheres brancas. Além de sofrerem forte opressão e apropriação de sua força de trabalho, as mulheres negras também tinham seus corpos apropriados, e eram vistas como objetos de satisfação sexual por parte dos homens brancos, seus senhores, dessa forma, sofriam diversas formas de violências, inclusive pode-se citar que houve muitos estupros.

Follador (2009) cita que o Brasil foi colonizado por europeus ocidentais, então, baseados por esses fortes traços colonial,, os homens brasileiros acabaram mantendo as mesmas ideias em relação às mulheres:

o período colonial, as mulheres no Brasil não tiveram muito espaço para expressar seus pensamentos e para gozar de algum lazer, senão as festividades durante as festas relacionadas à Igreja Católica. O controle exercido pelos homens sobre elas atingia todos os campos de suas vidas, como o controle dentro de casa desde a infância, o controle ideológico mantido pelos ideais de recato, respeito, humildade e pela falta de instrução; por fim, a escolha de um marido que certamente manteria o mesmo controle sobre ela (FOLLADOR, 2009, p. 9).

Baseado nessas diversas formas de violência que as mulheres negras sofriam, incluindo os estupros que se davam pela apropriação de seus corpos, surge a miscigenação, havendo assim uma naturalização dos abusos cometidos por parte dos senhores, que eram homens brancos, em relação a essas mulheres negras. Essas são situações ligadas ao patriarcado, racismo e capitalismo. Então, afirma Saffioti (2004), tais se manifestaram apossando-se de todas as esferas da vida social (racismo) e mercantilizando as relações sociais (capitalismo).

Ao analisarmos essa dominação e exploração da mulher e seu corpo pelo homem, desencadeiam-se os mais diversos tipos de violências que existem. Conforme Cisne, "as mulheres são sínteses das relações que estabelecem. Assim, nós não nascemos naturalmente submissas e passivas, nós incorporamos essa ideologia que expressa historicamente os interesses das classes dominantes" (2012, p. 158).

A sociedade moderna burguesa implementou no decorrer dos anos um padrão de família nuclear que é formada pela figura do pai, pela mãe e pelos filhos, que são chefiadas pela figura paterna, a do homem pai. O homem leva o sustento para dentro de casa e possui autoridade máxima no ambiente familiar. Às mulheres foi designado o papel de mãe, que cuida do lar por meio do trabalho doméstico e reprodutivo, como por exemplo, limpar, cozinhar, arrumar a casa, cuidar do marido e dos filhos, procriar quantas vezes o marido ache necessário, nos fazendo refletir que é o homem que regula também o corpo da sua esposa, e mais uma vez evidenciando a apropriação do corpo da mulher em suas mais variadas expressões de violência/dominação, e que vem perdurando e ainda se encontra muito presente na contemporaneidade.

Com o passar dos anos a sociedade e as estruturas familiares também se modificam. Assim, se o núcleo familiar era composto por um pai, uma mãe e filhos, no sistema patriarcal (não se pode afirmar que teve seu início nesse momento, mas era um modelo forte de família nesse sistema), com o surgimento das sociedades industriais e capitalistas, o trabalho produtivo ganha novos desdobramentos de forma mais evidente do mundo do trabalho doméstico.

Dessa forma, através de todas as mudanças que ocorreram na sociedade, as famílias não se limitam mais a somente laços sanguíneos, o significado de família vai mais além, pois existem vários tipos de formações familiares. Cada uma com suas características, não se limitando ao mesmo padrão antigo, que era a família nuclear burguesa, heteronormativa, cis, branca. Existem famílias com pais separados, famílias onde são as mulheres que chefiam, famílias chefiadas por homens sem a presença da esposa, famílias extensas, famílias homoafetivas, etc. Assim, as famílias deixam de seguir e limitar-se apenas a antigos padrões. Saffioti (2004) diz que o patriarcado teve seu início a partir da chegada da propriedade privada, onde realçaram os meios de produção e os excedentes, como por meio da descoberta do homem na sua importância para a procriação. Ao analisarmos dessa forma, é importante citar que nesse momento o homem passa a conduzir a natureza, manipulando também a mulher, garantindo sua hereditariedade através de seus descendentes e como afirma Saffioti “um dos elementos nucleares do patriarcado reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido” (2004, p. 105). Essa relação de dominação e exploração dos homens sobre as mulheres pode ser dominada por opressão.

Dessa forma, percebemos que as mulheres são vistas como objeto de satisfação sexual por parte dos homens, em relação ao desempenho de funções de trabalho, e em

toda vida social, onde podemos citar inclusive, o Estado e a Igreja como fortes aliados desse tipo de ideologia, que durante muitos anos desempenharam de forma muito forte e ativa na sociedade e na vida das pessoas fortalecendo ainda mais o sistema patriarcal, e por serem instituições influentes contribuem para o crescente aumento das diversas formas de desigualdades, principalmente no que diz respeito a superioridade do homem sobre a mulher.

A Igreja, assim como o Estado sempre ditaram leis e normas, o que influencia diretamente no comportamento das pessoas.

As igrejas reforçam ainda mais essas desigualdades na medida em que põem a subserviência das mulheres como forma de obediência à vontade de Deus. [...] Quanto ao Estado, exerce o papel de legitimador dessas disparidades, na medida em que executa um conjunto de normas ou leis baseadas em crenças ou costumes machistas e religiosos (LIMA, 2012, p. 87).

Com o passar do tempo as múltiplas estruturas familiares que já existiam (mesmo que não fossem socialmente aceitas) passaram a ser reconhecidas. Essas mudanças foram fortemente influenciadas também quando as mulheres passaram a ganhar uma parcela maior de espaço na sociedade, se inserindo no mercado de trabalho formal e remunerado, deixando de pertencer unicamente àquela construção social a que elas foram designadas. Embora ainda tenha muito a se conquistar e mudar na sociedade sobre as visões que se tem da mulher e sua posição social, alguns direitos foram conquistados, mesmo tendo que enfrentar diariamente uma sociedade que ainda expressa traços tão fortes do patriarcado, que segundo Saffioti (2004):

Constituiu-se num pacto masculino para garantir a opressão das mulheres. As relações hierárquicas entre homens, assim como a solidariedade existentes entre eles, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e manter o controle sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2004. p. 104).

Não se pode deixar de relacionar a importância da ideologia dominante e relações de alienação para a propagação e permanência dessa visão desvalorizada que recai sobre a mulher e se expressa, dentre outros meios, como por exemplo, em diversas músicas e estilos musicais distintos, assim como também, em algumas letras de Funk Proibições, acentuando as desigualdades e discriminações voltadas para as mulheres, fazendo com que elas sejam inferiorizadas e sexualizadas.

2.1 COMPREENDENDO O QUE É A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A vida das mulheres é perpassada por múltiplas violências e imposições, contudo também há a organização das mulheres em coletivo a fim de fissurar as estruturas do patriarcado e do poder masculino. Nesse sentido, as mulheres passam a pressionar por políticas públicas específicas e igualdades de direitos; passam também a romper com o âmbito doméstico e ocupar o Estado e fortalecer a participação na política.

A violência contra a mulher é produto do patriarcado que se desenvolveu culturalmente, economicamente, e politicamente pela sociedade e foi reproduzido ao longo da história, criando uma discriminação entre os sexos. A questão tem sido muito debatida nos últimos anos, com o avanço dos movimentos de mulheres e feministas, contudo, ainda é tratada pelo senso comum, mídias e agentes governamentais como um problema de cunho individual e privado, sendo rodeado por mitos e estereótipos que mascaram e naturalizam a subordinação feminina; no entanto, trata-se de uma questão pública e de responsabilidade de toda sociedade.

Para Queiroz (2008), o fato das mulheres serem constantemente vítimas dos mais diversos tipos de violência, principalmente da violência conjugal se dá em função da nossa sociedade ser sexista e ter raízes do sistema patriarcal e não exclui que as mulheres também são expostas a violência na esfera do trabalho e da rua. Destacamos que a violência contra a mulher possui múltiplas expressões e afeta diferentemente os segmentos sociais, podendo acontecer no interior de qualquer classe social, sendo que afeta as mulheres pobres e negras de forma mais contundente, por todo contexto histórico as quais foram submetidas

De acordo com Saffioti (2004), são consideradas formas de violência qualquer tipo de ruptura da integridade da vítima, que vai desde a física, psíquica, sexual ou de integridade moral. Entendendo assim, que a violência se manifesta nas suas mais diferentes formas, em todos os tipos de pessoas, podendo deixar nessas *vítimas*, marcas e danos para o resto de suas vidas.

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidade de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem (SAFFIOTI, 2004, p. 18).

A violência contra a mulher se constitui como:

Violação dos direitos humanos e das liberdades essenciais, atingindo a cidadania das mulheres, impedindo-as de tomar decisões de maneira autônoma e livre, de ir e vir, de expressar opiniões e desejos, de viver em paz em suas comunidades; direitos inalienáveis do ser humano (TELES e MELO, 2002, p. 23).

Sob influência das raízes do sistema patriarcal, surgem diversas formas de violência que são praticadas contra as mulheres, desencadeando e ampliando assim, as desigualdades entre os gêneros, fazendo com que as mulheres fiquem na condição de sujeitos inferiores e submissas aos homens. De outra parte, a pressão dos movimentos de mulheres desencadeia uma série de respostas dos organismos internacionais e nacionais dentre elas a Conferência Mundial de Direitos Humanos em 1979, em que foi aprovada a Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres; nos Planos de Ação das Conferências de Viena (1993), Cairo (1994) e Beijing (1995), além da Convenção da Organização dos Estados Americanos (OEA) – para Prevenir, Punir e Erradicar a violência contra a mulher – Convenção do Pará (1994), ratificada pelo Brasil em 1995 e a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006). Porém, o que observamos é um distanciamento entre os aspectos legais e a realidade.

De acordo com a Lei Maria da Penha (11340/06) criada com o intuito de enfrentar as violências existentes contra a mulher (2006)³, estipular punição adequada e coibir atos de violência contra a mulher, os tipos de violência se dividem em cinco: **violência física**, que afeta diretamente a integridade corporal da vítima; **violência psicológica**, que se classifica como a que causa danos emocionais e psicológicos; **violência sexual**, que é prática do sexo sem consentimento que é denominado de estupro, do abuso sexual, de constranger, impedir que a parceira use qualquer tipo de método contraceptivo, obrigar a parceira a realizar aborto, explorar sexualmente para fins mercadológicos visando obter lucros através da apropriação do corpo da mulher; **violência patrimonial**, que é causada pela destruição ou subtração de bens materiais ou econômicos; **violência moral**, que tem relação com o desrespeito, a difamação, calúnias e injúria em relação a vítima. (BRASIL, 2006).

Esses tipos de violências podem e estão presentes em todo e qualquer espaço social, seja nas ruas, em ambiente doméstico, no trabalho, e até mesmo nas letras de

³ Em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes que ficou tetraplégica após diversas tentativas de homicídio do seu marido Marco Antônio Heredia Viveiros.

músicas em seus mais diversos estilos e/ou em qualquer tipo de relação. As letras das músicas, novelas, séries, poesias, filmes e expressões artísticas em geral expõem a forma como a nossa sociedade trata as mulheres e compreende o seu lugar social. Sendo, pois, um produto e expressão da nossa sociedade acaba também por visibilizar as mulheres como objeto de posse material.

Como mencionamos anteriormente, as mulheres são tratadas como objeto ou coisa a partir da lógica e raízes patriarcais, que fazem dos homens sujeitos dominadores. A partir dessa ideia, surge a apropriação sobre os corpos e vidas das mulheres, firmado pela exploração e submissão as quais são colocadas:.

É particularmente nítido que somos consideradas como coisas, que nos veem exatamente como nós somos tratadas concretamente, cotidianamente, em todos os domínios da existência e a cada momento. [...] A relação de classe que as converte em objeto expressa-se até mesmo em seu sexo anatômico - fisiológico, sem que elas possam ter decisão ou mera prática autônoma a esse respeito (GUILLAUMIN, 2005, p. 67-69).

Ao percebermos as reais mensagens nas diferentes expressões culturais, tais como nas letras de funk proibidões que são objeto dessa reflexão, fica claro como a violência está sendo disseminada em diversos ambientes, seja ele doméstico, público, privado, em festas, etc. Dessa maneira, a ideologia patriarcal nos faz perceber o quanto a sociedade carrega traços fortes desse sistema e as mulheres sofrem com essas imposições. Existem diversos conteúdos de Cunhos machistas direcionados ao sexo feminino, e assim, reproduzidos facilmente, principalmente com na música, arte e cultura que tem um grande poder de propagação na sociedade como um todo.

3. SURGIMENTO DO FUNK E SUA DISSEMINAÇÃO NO BRASIL

Apesar de ser um ritmo muito forte no Brasil, a origem do estilo musical "Funk" não é brasileira, e deu-se através de músicos negros norte-americanos por volta de 1960, que são eles: James Brown, Maceo e Melvin Parker. Dessa maneira, o funk surge como uma espécie de mistura entre os estilos musicais R&B, jazz e soul. O estilo era considerado indecente quando surgiu, pois a palavra "Funk" trazia no seu significado conotações de Cunho sexuais na língua inglesa.

Descendente direto do soul, do rhythm & blues e do jazz, o funk nasce oficialmente nos anos 1960 por meio de uma intervenção genial de

James Brown [...] apontado como godfather of soul (padrinho do soul), Brown é apontado com invento do funk graças a sua mudança rítmica tradicional de 2:4 para 1:3 (MEDEIROS, 2006, p. 14).

Assim, o surgimento do termo Funk está ligado ao sexo, pois, como afirma MEDEIROS (2006) “tratava-se de uma gíria dos negros americanos para designar o odor do corpo durante as relações sexuais” (p. 13). Nos anos de 1968 a gíria e passou a se tornar um movimento de orgulho para a população negra, especialmente aos que eram engajados nas lutas dos movimentos negros e na defesa da valorização da cultura negra.

Mesmo surgindo em outro país, carregado de outra cultura, o Funk sofre bastante influência ao chegar no Brasil por volta de 1970. Assim, desde a sua entrada no Brasil, e passando por várias influências culturais aqui existentes, o Funk passa a fazer parte da nossa cultura musical, sendo moldado de acordo com a realidade das periferias brasileiras, onde teve sua entrada inicial e assim foi se perpetuando e se fortificando por todo o país. No Brasil o estilo ficou conhecido a princípio pelo termo Funk Carioca, mas logo depois ficou bastante popular e conhecido em várias partes do país. O que não significa dizer que as músicas de funk do Brasil só tenham origem carioca.

Em meados dos anos de 1989, os bailes funk inicialmente eram regados de músicas que em suas letras carregavam temáticas como sexo, drogas, violência, relatos sobre a vida nas periferias do Brasil, etc. Pouco depois, as letras de funk começaram a ser letras eróticas, com letras de cunho sexual e carregadas de duplo sentido.

Por se tratar de um gênero musical originário de negros e quando se propagou no Brasil foi nas favelas, onde a maior parte de moradores são de pobres e negros, e assim marginalizados na sociedade, o funk sofre também sobre preconceitos raciais aqui no país por quem canta. Para Bonfim:

É interessante notar que o gênero inicialmente identificado com a música negra norte-americana, passa, ao longo dos anos, a incorporar elementos da música e da cultura brasileira, sendo também uma forma de hibridização das tradições matriz africana e do samba, que depois de ser apropriado por todas as classes sociais, precisou ser “renovado” para ter uma proximidade identitária com os jovens das favelas cariocas (2013, p. 3, 4).

Dessa forma, por ser um estilo musical forte nas periferias e pela comunidade negra aqui marginalizadas, o funk sofre com a forte existência da associação do estilo com a violência, e a mídia é quem acaba se encarregando de disseminar essa ideia.

No ano de 1990 houve uma forte associação entre o funk com as facções criminosas. A ação denominada de “arrastão” aconteceu na praia do Arpoador, na qual fica localizada na cidade do Rio de Janeiro, que firmou esse pensamento da sociedade e a relação da violência com o funk. O autor VIANNA, analisa esse acontecimento da seguinte forma::

“Tentativa das galeras de diferentes favelas cariocas (vejam bem, eu falo das galeras de funkeiros) de encenar na areia da praia o “teatro da violência” que inventaram nas pistas de dança de centenas de bailes funk realizados semanalmente em quase todos os bairros da cidade” (VIANNA, 2006, p. 2).

Para o autor, esse fato que aconteceu com o funk tornou-se público e de conhecimento da população, “processo, quase que diria violento, de familiarização com sons e imagens provenientes do mundo funk” (VIANNA, 2006, p. 3). Foi dessa forma que a mídia dava visibilidade ao estilo, mas por outro lado acabava fazendo uma ligação entre funk e violência.

Diante de tantas influências culturais do Brasil, originou-se diversos gêneros do Funk, os quais podemos citar: **Funk Ostentação** - que contém em suas letras a exaltação de bebida, mulheres, bens materiais, etc. **Funk Consciente**, que expõe as realidades das comunidade, sonhos, conquistas das pessoas que vivem nas comunidades mais vulneráveis; **Funk Melody** - é um o estilo musical que parte de composições e melodias mais românticas; **Funk Proibidão** é o estilo do funk carioca que surgiu aqui no Brasil por volta de 1990 nas periferias do Rio de Janeiro e são músicas que abordam em suas letras, as realidades dessas comunidades.

Os bailes de funk proibidões por terem em suas músicas letras tidas como “mais pesadas” foram denominadas de fluxo. Esses ambientes são majoritariamente ocupados por homens que cantam e propagam dentre outras coisas a desvalorização, a objetificação e sexualização da imagem da mulher. Nesse sentido expressam seu poder e dominação em relação às mulheres e essas músicas, muitas vezes incentivam as diversas formas de violências existentes contra as mulheres, carregando um vasto de palavras desrespeitosas.

Por volta dos anos 2000 as mulheres começam a ganhar um certo espaço no estilo musical. Esse início foi marcado através de uma participação como coadjuvante dos espetáculos, inicialmente como dançarinas. Posteriormente, vão ampliar sua participação como MC's, vocalistas, back vocals, empresárias e produtoras, dentre essas mulheres, podemos destacar Tati Quebra Barraco, Daize Tigrona e a Gaiola das Popozudas.

A primeira mulher cantora do funk foi Tatiana Lourenço dos Santos, nascida em 1979, na Cidade de Deus, e ficou conhecida como Tati Quebra-Barraco, que socialmente falando, não corresponde aos padrões de beleza esperados e que fala de sexo sem pudor em suas músicas, tirando a mulher do papel de subalternizada aos homens. E então, um meio em que só haviam funkeiros homens cantando sobre sexualidade e sempre deixando a mulher no papel inferior, agora ganha novas formas de cantarem as músicas.

A entrada de uma mulher negra que contesta padrões impostos pela sociedade, abre portas para outras mulheres também cantarem funk, agora numa outra posição, diferente das que eram colocadas antes. Agora as mulheres também ganham voz e espaço nesse meio. Um grupo carioca formado por mulheres, que tem como vocalista principal a funkeira Valesca Popozuda também surge nesse momento dos anos 2000 e vira um grande sucesso, é o grupo da Gaiola das Popozudas, que alcançou sucesso nacional e posteriormente, internacional.

As músicas produzidas e cantadas pela Gaiola das Popozudas, muitas delas, também exaltam uma mulher independente, poderosa, dona das suas próprias vontades, falam sobre tudo de empoderamento feminino.

Bonfim (2013) analisa que:

A performance dessas mulheres tem sido avaliadas muitas vezes como negativas, como um retrocesso em relação ao direitos conquistados pelas mulheres através de movimentos feministas. Por outro lado, o propósito das funkeiras é responder aos homens com base na vivência sexual e afetiva no contexto social em que elas estão situadas (p. 6).

O Funk é um estilo musical que faz parte da cultura do Brasil e movimenta um comércio muito grande, trazendo autonomia aos cantores e compositores, gerando empregos nas comunidades e assim, mudando a vida e a realidade de muitas pessoas. Pensar em algumas letras desse estilo musical nos remete analisar como algumas músicas ainda fortalecem o machismo na sociedade, conseqüentemente fortalecendo as diversas formas de violência.

4. ANALISANDO LETRAS DE FUNK'S PROIBIDÕES IDENTIFICANDO AS EXPRESSÕES DE VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

Em primeiro lugar, cabe dizer que o funk é um estilo musical heterogêneo e não é interesse do nosso trabalho criminalizá-lo ou fazer uma análise unilateral. Nosso objetivo é analisar algumas letras desse estilo musical tão contagiante, dançante, mas que reforçam o patriarcado, o machismo e o heterossexismo.

Nosso interesse partiu de reflexões feitas através dessas músicas, relacionando-as com as relações patriarcais de gênero e os rebatimentos dessa subordinação das mulheres em relação aos homens para o reforço do patriarcado-racismo-capitalismo.

No funk proibidão há um enorme incentivo ao consumo de álcool e outras drogas, sexo e diversas formas de violências contra as mulheres em suas letras, fazendo delas nas músicas uma espécie de objeto de satisfação e desejo sexual dos homens. Vulgarizar o sexo feminino, fortalece ainda mais a ideologia patriarcal e o machismo na sociedade.

A ordem patriarcal ainda “constitui o caldo de cultura no qual tem lugar a violência de gênero, a argamassa que edifica desigualdades várias, inclusive entre homens e mulheres” (SAFFIOTI, 2001, p. 10).

Embora o sistema patriarcal esteja ligado ao ambiente doméstico, percebemos aqui que ele se estende nos mais diferentes âmbitos, como por exemplo, nas religiões, nos meios de comunicação, nas escolas, etc.

Assim, a perpetuação das relações de poder em que se privilegia o sexo masculino, feminino sobre o feminino, é responsável pela opressão das mulheres e pela disseminação dessa opressão nos diversos meios de entretenimento, como por exemplo, algumas músicas que expressam o machismo e contribuem para o alastramento da desigualdade entre os gêneros que existe em nossa sociedade. Dessa forma, surge aquela ideia de que o homem tudo pode, mas a mulher não. Trata-se da ideia baseada na característica e no comportamento de recusar a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Levando em consideração que a sociedade brasileira foi constituída e desenvolvida com bases patriarcais, nos ajuda a compreender que suas músicas carregam em suas letras esse tipo de ideologia.

A cada proibidão cantado nos bailes funk, há um grande fortalecimento e disseminação do machismo. Sabemos das diversas formas de assédios que algumas letras de funk's proibidões trazem, mas, entendemos que outros estilos musicais também propagam essas letras, não sendo uma exclusividade do funk proibidão.

Constitui-se num pacto masculino para garantir a opressão das mulheres. As relações hierárquicas entre homens, assim como a solidariedade existente entre eles, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e manter o controle sobre mulheres (SAFIOTTI, 2004, p. 104).

Dentro do funk proibidão elegemos pesquisar Mr. Catra pois ele é uma das referências do estilo, e apesar de sua vida pessoal não ter um grande peso nessa pesquisa, mas ao saber como ele vivia e o que ele produzia de músicas, é perceptível compreender como o patriarcado ainda se faz presente e forte em nosso meio.

Cantor do estilo musical, Wagner Domingues Costa, mais conhecido como Mr Catra teve uma grande importância na indústria fonográfica do funk, alavancando o estilo musical, principalmente na mídia, sem deixar de mencionar na grande contribuição da inserção de algumas mulheres nesse meio, como Valesca Popozuda e Tati Quebra-Bararco. Ele (assim como elas) abriu portas nesse meio.

Percebe-se que algumas músicas cantadas e produzidas por ele tornam-se uma representação do processo de banalização e vulgarização da mulher e das relações pessoais e afetivas, que em certa medida coaduna como o próprio estilo de vida do mesmo, e também pode reforçar o quanto o fortalecimento do patriarcado ainda se faz presente na nossa sociedade e assim, por intermédio de alguns dos funk's proibidões que podemos perceber a gravidade do fenômeno de dominação/opressão e exploração das mulheres.

São músicas que possuem um ritmo dançante, animado, envolvente e muitas vezes nem percebemos a real gravidade que contém nessas letras, tipos de violência e depreciação da figura feminina. É também a forma que o patriarcado se manifesta na vida das mulheres e como a indústria fonográfica contribui para isso, através de algumas letras de músicas funk proibidão, por exemplo. Ficando assim evidente que na sociedade capitalista, o corpo da mulher é mercantilizado para obtenção de lucros.

Mr. Catra nasceu em 1968, faleceu em 2018 e antes disso, em sua vida particular tinha 3 esposas (que sabiam e conviviam uma com as outras), 32 filhos com elas e sustentava-os através da indústria musical. Catra vivia um estilo de vida e cantava algumas músicas que fortalecem o sistema patriarcal, evidenciando também o machismo, objetificando, mercantilizando e banalizando os interesses das mulheres. Dessa forma, Guillaumin nos mostra que: “Toda uma classe, que abrange acerca da metade da população, sofre não somente o açambarcamento de sua força de trabalho, mas uma relação de apropriação física direta: a classe das mulheres” (2014, p. 32 e 33).

Ao analisarmos a letra da música “Ela dá pra nois” de Mr Catra, fica evidente nesta estrofe uma possibilidade de relação sexual em troca de bens materiais e de marcas famosas, mostra as investidas dos homens para a comercialização do sentimento da mulher e a certeza de conseguir o sexo, utilizando dinheiro como moeda de troca, mostrando que basta apresentar com objetos caros para obter o que os interessa:

Ela quer roupa da Armani, bolsa da Louis Vuitton.
Ela dá pra nois que nois é patrão,
ela dá pra nois que nois é patrão,
ela dá pra nois que nois é patrão
(MR. CATRA, Ela dá pra Nois, 2010)

Na música seguinte bastante conhecida “Adultério”, Catra faz apologia a bebidas e como o próprio nome da letra sugere, ele exalta bens materiais, onde a mulher passará a se relacionar com o homem unicamente por causa do que o dinheiro poderá proporcionar, assim, o homem é tido como superior pelo poder aquisitivo, exaltando carros, muitas mulheres e o quanto o adultério é satisfatório e comum a eles:

Na 4 por 4 a gente zoa
com Whisky energético, quanta mulher boa
rá rá rá
O bagulho tá sério
Vai rolar um adultério!
(MR. CATRA, Adultério, 2017)

No patriarcado existe a ideia de que os homens devem possuir bens materiais, enquanto que as mulheres são consideradas um bem comum para eles. Uma sociedade que faz trocas de bens e mulheres de formas iguais, deixando-as no mesmo patamar.

A seguir, a música “Bota um chip na minha” que pode ser analisada em dois momentos. O primeiro é o quanto a mulher é tida como um “peso” nos relacionamentos na vida de alguns homens, assim, sendo inferiorizada diante deles e a predominância do machismo. Para os homens é socialmente permitido sair, beber, ter relacionamentos extraconjugais:

A mulher pentelho aquela que vive te ligando,
Querendo saber aonde você estava, aonde você vai,
Ela liga pra carai, chata pra carai
(MR. CATRA, Bota um chip na minha, 2011)

Através dessa ideologia dominante existente, o homem está sempre em modo de caça e a mulher se torna uma espécie de presa e conseqüentemente um objeto de desejo e de poder e posse para sua satisfação sexual. Em muitos casos há a existência de algumas formas de abusos e violências. “Lamentavelmente, inclusive para os próprios homens, a sexualidade masculina foi culturalmente genitalizada” (SAFFIOTI, 1987, p. 19).

Em uma segunda parte da mesma música (Bota um chip), Catra se refere a mulher como “piranha” (termo usado na sociedade designado às mulheres as quais os homens denominam como “fáceis”), faz menção a um Mc e o tipo de relação sexual que ele mantém e em seguida descarta e objetifica a mulher, banalizando o sexo através de termos chulos :

O Gw ele é foda
Pega a piranha ainda deixa ela tonta
Ele te come, te come, te come
Te come, te come, te come
E depois joga fora
(Mr. Catra)

A seguir, um trecho da música “Passa nela”, Catra designa órgão sexual masculino de forma pejorativa como “pau” (pois é comum a referência no âmbito de palavreados dos homens) e uma incitação à práticas sexuais cometidas por homens em relação às mulheres:

Para as gatinhas muito linda e muito belas
pode ser do asfalto, pode ser da favela.
Segura então: Passa nela, passa nela
passa o pau na cara dela.
(MR. CATRA, Passa nela, 2010)

Logo em seguida, mais uma música onde Catra incita uma das mais variadas formas de assédios as mulheres, no que diz respeito às vestimentas. O que deixa mais evidente o quanto parte da sociedade ainda sexualiza a mulher de diversas formas, e no caso dessa música, a mulher encontra-se de biquíni enquanto é observada por um homem, fazendo menção ao tamanho de sua genitália, se referindo na música como “capô de fusca” e fazendo várias outras comparações:

Assim você me assusta (que delícia)
Com o seu capô de fusca... Triângulo do biquíni

Me deixou taradão tá úmida e quentinha
Batendo na palma da minha mão
(MR. CATRA, Capô de fusca, 2009)

Pautada na ideologia patriarcal, percebemos que algumas músicas são uma afirmação da transformação da mulher em mercadoria para obtenção dos mais variados tipos de interesses, seja sexual, financeiro, por meio da vulgarização e banalização do sexo. Nesse sentido, a mulher passa a ser considerada um objeto disponível para suprir as necessidades sexuais do homem.

No caso das músicas, as expressões do patriarcado e situações das diversas formas de violência contra a mulher passam, diversas vezes, despercebidos por parte de quem ouve, justamente pelos ritmos serem animados, pois são nesses tipos de músicas que mais existe a naturalização das desigualdades entre os gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa bibliográfica e documental que aqui foi realizada, podemos perceber que o sistema patriarcal é sustentado pelas construções sociais.. Assim, os papéis conservadores de gênero acabam favorecendo a dominação do homem sobre a mulher.

A mulher é vista como indivíduo inferiorizado no meio social e as desigualdades entre os seres são reproduzidas pelos indivíduos, que usam dessa ideia para disputa e detenção de poder, determinando assim, a divisão sexual do trabalho entre eles.

Enquanto que aos homens são designados cargos desenvolvendo papéis de ideologia masculina, às mulheres são designados papéis como cuidar do ambiente familiar, desenvolvendo papéis determinados pela ideologia feminina.

A análise do presente artigo não se limita apenas no conceito de gênero, mas também na busca de uma compreensão de como o sistema patriarcal, impactam na vida das mulheres, trazendo aqui como os vários tipos de violência pode se desenvolver através de algumas letras de músicas, aqui em questão, o estilo musical funk proibidão. Através dessas letras de músicas, é perceptível como a ideologia patriarcal ainda se faz presente na sociedade e essas só músicas só fortalecem ainda mais.

O estilo musical Funk, que em seu surgimento era cantado por homens, passou a fazer parte da nossa cultura e abriu espaço também para mulheres nesse meio aqui no Brasil, anos depois sendo apreciado por boa parte da sociedade. As músicas carregam

batidas envolventes e fazem crescer cada dia mais o mercado fonográfico, sustentando assim, diversos artistas, seus familiares e produtoras desse meio.

Apesar das conquistas femininas nesse meio, muitas barreiras ainda são enfrentadas pelas mulheres e o funk proibidão é um exemplo disso, por trazer em sua maioria uma representação negativa da figura da mulher, principalmente ligada à sexualidade, objetificando e mercantilizando seus corpos. Essas músicas exaltam a desvalorização das mulheres, legitimando os traços do patriarcado ainda existente e o machismo.

Ao escutarmos essas músicas, estamos na maioria das vezes em momento de diversão, o que acaba dificultando a análises e interpretações que as letras carregam.. Quando analisamos, fica evidente como os mais diversos tipos de violências estão sendo disseminados nos mais diversos ambientes.

É de extrema importância perceber e analisar as desigualdades de gênero e as manifestações do patriarcado, onde em sua maior parte refere-se a mulher como uma espécie de objeto sexual e determinando comportamentos considerados submissos que estão presentes nessas músicas.

Compreender a ideologia patriarcal nos remete a perceber o quanto a nossa sociedade ainda carrega fortes traços desse sistema, submetendo as mulheres a essas imposições.

O presente trabalho não tem intenção alguma de criminalizar o funk, ainda mais por se tratar de um estilo musical que já sofre tanto preconceitos e é tão criminalizado socialmente. A pesquisa que foi realizada aqui, tem o intuito de analisar como o patriarcado se manifesta na vida das mulheres e como a indústria fonográfica contribui para isso, através de algumas letras de músicas funk proibidão. Ficando claro que na sociedade em que o sistema é capitalista e assim, visa sempre a obtenção de lucros, o corpo da mulher também é mercantilizado para esses fins, e essas músicas estão cada dia mais naturalizando situações dos vários tipos de violências que recaem sobre as mulheres.

Então, consideramos bastante relevante analisar e alertar para qualquer intuito de romper e combater as desigualdades de gênero existentes, assim como a dominação de um sexo sobre o outro, em qualquer âmbito, e que ainda se faz tão presente.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Letícia Laurindo de. **Corpo e Poder no Funk Carioca**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei N° 11.340,07 de agosto de 2006.

CISNE, Mirla; MORAIS DOS SANTOS, Silvana Mara. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fatos&versões**, Uberlandia, v. 2, n. 2, p. 3- 16, 2009.

GUILLAUMIN, Collete; MATHIEU, Nicole Claude; TABEL, Paola. **O patriarcado desvendando**: teorias de três feministas materialistas. FERREIRA, Verônica. (orgs). *et al.* Recife: SOS Corpo, 2014.

GOUVEIA, Taciana e Camurça, Sílvia. **O que é Gênero**. Caderno SOS CORPO. 4. ed. Vol. 1 Recife: SOS- Corpo Instituto Feminista para a Democracia, 2004.

LIMA, Marwyla Gomes de. A importância das relações patriarcais de gênero para a compreensão da Lei Maria da Penha. IN: LIMA, Rita de Lourdes de; GURGEL, Telma; QUEIROZ, Fernanda Marques de (ORGs) **Gênero e Serviço Social: múltiplos enfoques**. Natal: EDUFRN, 2012.

MEDEIROS, J. (2006). **Funk Carioca: crime ou cultura?** São Paulo: Terceiro Nome

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MR CATRA. **Ela dá pra nois**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.letras.com.br/mr-catra/ela-da-pra-nois>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MR CATRA. **Capô de fusca**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mr-catra/capo-de-fusca.html> Acesso em: 15 ago. 2021.

MR CATRA. **Bota um chip na minha**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.letras.com.br/mc-catra/bota-um-chip-na-minha> Acesso em: 15 ago. 2021.

MR CATRA. **Adulterio**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.https://www.letras.com.br/mr-catra/adulterio> Acesso em: 15 ago. 2021.

MR CATRA. **Passa nela**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mr-catra/passa-nela.html> Acesso em: 15 ago. 2021.

QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Não se rima amor com dor**: cenas cotidianas de violência contra a mulher. Massoró: UERN, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Abuso sexual incestuoso**. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq. Investigação realizada na cidade de São Paulo, com 52 famílias incestuosas,

por meio de entrevistas gravadas com as vítimas, suas mães e agressores, entre 1988 e 1992, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente)

SAFFIOTI, Heleieth. **O PODER DO MACHO**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coletânea polêmica).

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995

TELES, Maria Cunha de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher?** São Paulo. Brasiliense, 2002. Coleção Primeiros Passos.

VIANNA, H. **O Funk Como Símbolo da Violência Carioca**. In: G. VELHO, & M. ALVITO, **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.